

GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo.  
2019. Como as coisas importam: uma abordagem material da  
religião – textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Lorena Mochel<sup>1</sup>

Doutoranda em Antropologia Social/Museu Nacional (PPGAS/UFRJ)

[lorimochel@gmail.com](mailto:lorimochel@gmail.com)

A coletânea de artigos da antropóloga alemã Birgit Meyer apresenta ao público a tradução ao português de seis textos e uma entrevista realizadas ao longo de quase uma década, marcando sua atuação como professora e pesquisadora cercada por parcerias acadêmicas com diversas partes do mundo, inclusive brasileiras. Atualmente vinculada ao Departamento de Filosofia e Estudos Religiosos da Universidade de Utrecht, na Holanda, suas análises sobre o fenômeno religioso ganham fôlego através de diálogos interdisciplinares produtivos com campos como a cultura material, estudos de mídia e cultura visual, inserindo a autora em perspectivas emergentes nas duas últimas décadas do século XX, como a “virada material” e também a “virada imagética”. A menção ao conhecido paradigma das teorias sociais no qual se situa a primeira corrente, representação *versus* prática, ganha ao longo dos textos da coletânea desenvolvimentos centrais para pensar sobre o lugar ocupado pela matriz protestante e secularista no campo de estudos da religião.

As análises de Meyer consolidam debates com clássicos como Durkheim e Mauss, refletindo os desdobramentos destas reflexões em sua elaboração “mutuamente constitutiva e constituída” entre vida religiosa e vida material. Como ponto de partida no reconhecimento desta inseparabilidade, afirma que “a religião se torna concreta e palpável

---

1 Nota da autora da resenha: A produção deste texto é resultante de reflexões provocadas por debates com o grupo de estudos “É muita mistura”, coordenado pela Professora Carly Machado e composto por alunas e alunos de graduação, mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Deixo aqui registrado meu agradecimento à Profa. Carly pelos comentários destinados à resenha e ao grupo pelo acolhimento e trocas inspiradas pela obra de Birgit Meyer.

por meio das pessoas, de suas práticas e do uso de objetos, e [a abordagem material] é um componente essencial das estruturas de poder” (: 163). Assim, percorrendo os artefatos que compõem um regime material cristão, a autora propõe não ser possível que se compreenda o fenômeno religioso e seus processos sem olhar para as materializações concretas das coisas<sup>2</sup> em seus usos.

A abrangência do que se entende por material aqui se desdobra através de elaborações de conceitos como *formas, formações e mediações*, explicados e tensionados de um lado, na oposição à tradição weberiana que dicotomiza o mágico e o religioso; do outro, deslocando as mídias para o lugar de mediação com o sagrado. As tecnologias imagéticas, estéticas e sensoriais compartilhadas pela autora em sua análise conduz até mesmo leitores(as) menos familiarizados(as) por um acesso inusitado ao mundo religioso “emaranhado”<sup>3</sup>, uma das traduções possíveis para um termo frequentemente utilizado por Meyer que define o caráter labiríntico e multifacetado da *religião vivida* através e para além da crença.

Sua principal proposta é, assim, percorrer este emaranhado através dos materiais que constituem cotidianamente os processos pelos quais se formam sujeitos religiosos. A ênfase no emaranhado como processo – e não simplesmente como resultado ou condição no mundo, como bem lembram os organizadores do livro em sua introdução – nos apresenta a uma autora que não se furta em reconduzir trajetórias quando assim é necessário. Para além disso, também localiza sua proposta pós-colonial na agenda política sobre a construção do projeto protestante missionário na África e nas Américas, possibilitando às materialidades um estatuto negligenciado pelos estudos de religião nas teorias sociais.

O que há em comum entre imagens e espíritos? Que tipos de sensibilidades produzimos a partir do contato com sua exibição nas telas e manifestação em corpos e objetos? As perguntas que constituem “De comunidades imaginadas a formações estéticas: mediações religiosas, formas sensoriais e estilos de vínculo”, primeiro capítulo de Meyer, aproxima teorias produzidas sobre a modernidade para introduzir reflexões a partir da interseção com as mídias em seu próprio trabalho e nas pesquisas com as quais desenvolve parcerias. Sua crítica à abordagem mentalista, sustentada no paradigma do secularismo como hipótese para a diminuição da presença religiosa na esfera pública, é empreendida em conjunto com autores fundamentais para este campo, como Talal Asad, ganhando diferentes ênfases ao longo de cada texto da coletânea.

2 Apesar da preferência pelo termo, este é utilizado de forma intercambiável com “materiais” e “materialidades” ao longo dos textos. Por outro lado, o mesmo não vale para outros termos como objetos, que na visão da autora hierarquizam as coisas a partir do dualismo sujeito-objeto.

3 A referência imediata é ao seu mais recente projeto, intitulado *Religious Matters in an Entangled World*.

Ainda neste texto inaugural, Meyer empreende dois movimentos que propõem a inseparabilidade entre religião e mídias por meio de conceitos complementares: formulando o termo *formações estéticas*, que contempla as formas de (re)encantamento a partir das mediações, e a noção de *formas sensoriais*, para analisar os processos de controle e negociações midiaticizadas na religião. Apesar da centralidade do papel das imagens em telas e fotografias, pensar mídias como mediadores incluiria, para além dos dispositivos tecnológicos, substâncias dos mais diversos tipos<sup>4</sup> que permitem explorar estas *formações estéticas*.

O conceito de *formações*<sup>5</sup>, nesse sentido, se apresenta como proposta para pensar estética e religião em termos de convergência, resultando em *formações estético-religiosas* que moldam um senso comum através do qual são compartilhadas mídias e práticas de mediação. Como parte integrante destes estilos estéticos, Meyer propõe tanto no primeiro quanto no quarto capítulo definições para seu conceito de *formas sensoriais*, entendidos como “configurações” e “performances” que organizam e tornam mediações presentes ou, ainda, “modos relativamente fixos, autorizados, de invocar e organizar o acesso ao transcendental” (: 64). Trata-se de um conceito que revela como os imbricamentos sensoriais entre espíritos e mídias podem expor tanto afinidades quanto ambiguidades contidas nos processos de negociação entre religião e tecnologia. Por sua associação mais direta com as mídias, as *formas sensoriais* estariam presentes não só em rituais mais comuns entre grupos religiosos, mas também no entretenimento religioso, conforme analisado pela autora ao mencionar sua “pesquisa sobre filmes ‘pentecostalizados’ em Gana” (: 68), alvo de sua análise no terceiro capítulo.

A seleção de diferentes momentos da obra da autora possibilita que o(a) leitor(a) possa visualizar seus retornos críticos a partir um competente mapeamento dos paradigmas coloniais monolíticos que instauram oposições entre religião e esfera pública de um lado, pessoas e coisas de outro. Se estes são aspectos dominantes nos debates contidos nos capítulos 1, 2, 4 e 6 há propostas de novos encaminhamentos para analisar etnograficamente os imbricamentos advindos das transformações religiosas com as coisas

---

4 “Substâncias com incenso ou ervas, animais sacrificiais, ícones, livros sagrados, pedras e rios sagrados, enfim, o corpo humano que se entrega para ser possuído por um espírito” (: 61).

5 Ao propor este termo a partir das potencialidades e limitações da noção de “comunidade imaginada”, de Benedict Anderson, Meyer desloca a noção de mídia como virtualidade ou imaginação para a defesa de uma abordagem que seja capaz de compreender a tangibilidade destas imaginações. Ao mesmo tempo, também argumenta sobre as limitações de outros termos como o de “comunidade ética” de Zigmunt Bauman, que não teriam a capacidade de abranger uma noção de estética afinada com o aperfeiçoamento sensorial contido no sentido aristotélico de *aesthesis*, do qual a autora se aproxima teoricamente. Tais noções de comunidade, em sua visão, não dariam conta de refletir sobre os processos de legitimação e autorização de sensibilidades que só se concretizam na dimensão concreta da mediação com corpos e coisas.

a partir de seu trabalho de campo, apresentado com maiores detalhes nos capítulos 3 e 5.

A centralidade do debate sobre a definição da religião, por sua vez, ganha ao longo de todos os seus textos na coletânea apostas teóricas singulares. A partir delas, Meyer tem como objetivo provocar desestabilizações por meio do investimento em seu próprio conceito de religião como mediação da ausência. Seu esforço em apontar para a crítica antropológica às raízes cristãs protestantes da religião como categoria analítica é proporcional ao seu incômodo em assumir a posição de negar a religião como conceito e assumi-lo como categoria êmica. Em vez da rejeição ao termo, considera mais rentável refletir sobre suas políticas de uso e influências na construção dos estudos da religião, demarcando sua condição historicamente situada e, ao mesmo tempo, apostando na tensão produtiva causada pela conceituação antropológica resultante do contato direto com o empírico. Meyer argumenta que a religião deve se propor a uma conceituação metodologicamente mais aberta mas também contextualizada, posto que está sujeita a transformações advindas do domínio ordinário da vida.

Em caminho semelhante ao destaque para os desconfortos contidos na problemática da religião como conceito, no segundo texto intitulado “Religião material: como as coisas importam”, a autora se dedica a explorar as relações conflitivas entre religião e cultura material. Através de um aprofundamento na categoria “material/ materialidade”, mapeia trajetórias pelas quais a “virada material” se consolidou na antropologia através das críticas empreendidas por autores como Daniel Miller, Michel Foucault, Judith Butler, Alfred Gell, Bruno Latour, Daniel Dennett, entre outros. Nesse sentido, diferencia o sentido adotado pelo “materialismo” de inspiração marxista e antirreligiosa, do conceito de “material”, sem deixar de lado o papel do “legado protestante” que constituiu a genealogia e política dos conceitos acadêmicos. Meyer explora os dualismos conceituais e contrastes através dos quais a matéria pôde ganhar novos contornos entre os fenômenos religiosos. Estes, que tradicionalmente foram pensados a partir do mundo das crenças, ideias, valores, significados e sentidos, ganham na abordagem da autora outros protagonismos.

Assim, as coisas não seriam um estado pelo qual a religião passa ou seu aditivo mas, fundamentalmente, configuram-se como sua parte constituinte. Se a pergunta não deve ser como a religião *está* nas coisas, mas como a religião *é* e *se faz* a partir das coisas, este pressuposto é reforçado ao longo do texto em diversos trechos que expressam tal imbricamento:

Materializar o estudo da religião significa perguntar como a religião acontece materialmente, o que não deve ser confundido com a pergunta bem menos útil de como a religião é expressa na forma material. Um estudo material da religião começa com a suposição de que as coisas, o

seu uso, a sua valorização e o seu apelo não são algo que se acrescenta a uma religião, mas sim algo dela indissociável (: 92)<sup>6</sup>.

Ao percorrer a passagem da desmaterialização para a rematerialização dos estudos de religião, Meyer nos apresenta a uma política de termos clássicos para definir as coisas, historicamente destituídas de materialidade e condicionadas ao lugar de símbolo nas teorias sociais, como é o caso do totem, ou assumindo lugares de desconforto na relação com as pessoas, os ídolos e fetiches. Assim, a proposta da autora por rematerializar a religião situa-se no esforço afinado com sua vinculação ao pós-secularismo: reatribuir o poder retirado das coisas pelo colonialismo do empreendimento missionário protestante identificando, ao mesmo tempo, os efeitos destes desinvestimentos na *religião vivida*.

Meyer se dedica a analisar mais de perto estes efeitos no terceiro capítulo, quando aprofunda o debate iniciado no primeiro texto da coletânea sobre as tecnologias de mídia a partir do campo etnográfico de sua pesquisa no sul de Gana. Em “‘Há um espírito naquela imagem’: imagens de Jesus produzidas em massas e outras formas de animação protestante-pentecostal em Gana”, título que reflete o poder atribuído às imagens de Cristo em esconder forças invisíveis, a autora se interessa por identificar os “deslizes” visualmente experimentadas por estas imagens em seu “potencial de desvirtuamento”, fazendo com sejam vistas na chave da ambivalência entre adoração e rejeição.

A análise inovadora de Meyer para identificar como o Diabo pode se fazer presente em uma imagem de Cristo reflete não só seu deslocamento da oposição dualista entre Deus e o Diabo mas, em seus termos, aquilo que seria um “enredamento inevitável”. Em diálogo com David Morgan, a autora identifica que as imagens operam como uma forma de mediação em que o(a) crente pode tanto ver como ser visto pelas mesmas. As imagens, nesse sentido, produzem performances capazes de “representar algo a mais” e tornam presente aquilo que retratam. Embora o trabalho com os textos tenha sido privilegiado nos estudos sobre religião, sua centralidade imagética demarca a visão como um sentido central nas práticas religiosas.

A atitude iconoclasta que aponta para o perigo das imagens, por sua vez, estaria inserida em uma série de fenômenos mais amplos que entrelaçam experiências “protestantes-pentecostais” em Gana com transformações político-religiosas mais amplas que se referem tanto aos expansionismos a partir da interação com os meios de comunicação de massa, como percorrendo uma perspectiva histórica sobre artefatos religiosos no contexto missionário colonial. Estes dois caminhos buscaram analisar a circulação das imagens a partir da intersecção com outras religiões expansionistas,

---

6 Meyer; Morgan; Paine; Plate; 2010.

tratando, além disso, da rejeição não só a estes materiais mas a outros associados a “tradições religiosas autóctones africanas”<sup>7</sup> como as máscaras e tambores, considerados patrimônios culturais ganenses.

Apesar de seu foco analítico se deter prioritariamente sobre a materialidade das imagens, Birgit Meyer nos provoca a pensar sobre sensações despertadas por uma dimensão mais ampla de coisas religiosas quando afirma que, a despeito de todas as suas diferenças, entendê-las como materiais “contorna distinções radicais entre essas formas e questiona a sua categorização em diferentes esferas e modos distintos de análise como cultura material, arte cultura visual, etc.” (: 124). Desse modo, se consideramos uma aproximação com o contexto brasileiro para trazer à cena analítica lideranças pentecostais e suas orações com copos d’água, unção de fotografias e peças de roupas, curas através de óleos e azeites etc., a leitura de Meyer possibilita que apontemos para uma aposta efetiva destes sujeitos no poder de encantamento das coisas. Tal movimento, por sua vez, subverte o distanciamento colocado entre coisas e pessoas pelo projeto colonial protestante, o que não se trata, ao mesmo tempo, de afirmar que há uma negação por parte destes arranjos pentecostais ao projeto moderno.

Trata-se, para Meyer, de pensar que o “feitiço das coisas” opera sobre as pessoas a partir de distintas alianças produzidas pelo expansionismo pentecostal com outros projetos em que tradição e modernidade são interdependentes, sobretudo a partir das tecnologias e meios de comunicação de massa. O olhar atento para a interação das coisas no cenário político mais amplo que envolve o encontro entre igrejas independentes africanas (“igrejas espirituais”) e o cristianismo missionário na consolidação do projeto que acolhe a “ideologia semiótica pentecostal”, conceito construído em diálogo com o termo de Webb Keane, é uma característica central destes trabalhos reunidos da autora. No interior deste cenário multisensorial, ganha força sua análise sobre a interação com a indústria cinematográfica, ressaltando a agência das imagens na estética protestante-pentecostal para uma relação de “devoção visual” entre pessoas e coisas mutuamente animadas.

Se nos dois primeiros capítulos da coletânea Meyer se propõe a trazer marcos gerais das discussões sobre religião e materialidades, o quarto capítulo fornece espaço para um desdobramento destes panoramas críticos da virada material através de dois conceitos que compõe o título do artigo. “Mediação e a gênese da presença: rumo a uma abordagem material da religião” propõe que a *mediação* funcionaria como um processo de

7 Opção da autora em oposição ao termo “religiões tradicionais africanas”, que remeteriam à essencialização pois teriam o cristianismo como referência. Além disso, sua escolha busca dar ênfase à tradição como algo que se transforma.

fabricação da presença transcendental, enquanto a *gênesis* é entendida como “um processo criativo de fabricação” (: 185). A elaboração deste conceito, por sua vez, está conectada com a proposta de Meyer por não abandonar a ideia de crença mas, assim como fez com a religião, propor um equilíbrio perdido do mundo interior com as formas exteriores. Com passagens ao longo de diversos capítulos, a noção de fetiche também ganha mais espaço como exploração crítica para identificar suas ressonâncias com um projeto protestante que se movia contra o paganismo instaurado tanto nas religiões africanas quanto no catolicismo, formando um “terreno comum” ocupado pelos perigos representados pelos objetos de devoção em diferentes religiosidades.

A preocupação da autora em discutir projetos de poder a partir das coisas religiosas também se reflete no capítulo 5. Em “Imagens do invisível: cultura visual e estudos da religião, examina como se constroem práticas político-estéticas de legitimação de imagens religiosas a partir de aproximações entre os campos da cultura visual com os estudos de religião. Meyer retoma seus argumentos já mencionados em capítulos anteriores para reafirmar a importância das imagens para a estética religiosa, trazendo, ainda, aprofundamentos sustentados no encontro com a antropologia visual para refletir sobre a visão como um ato relacional que constrói “atos de animação” entre quem vê e o que é visto. Sua abordagem da cultura visual cristã no sul de Gana a partir de filmes populares revela aspectos fundamentais para identificar as transformações sensoriais provocadas pela adesão a novas dinâmicas religiosas. Em suas palavras, “a conversão ao cristianismo implicava em novos modos de ver e impactar o conjunto dos sentidos” (: 225), o que incorre em movimentos analíticos através de mídias imagéticas que Meyer utiliza para compreender o “regime visual cristão”.

A noção de encanto é o que fundamenta o trajeto percorrido pela autora no sexto capítulo, “Como capturar o ‘uau!’: a noção de encanto de R. R. Marett e o estudo da religião”. O problema no conceito de religião é novamente convocado, desta vez a partir de críticas ao privilégio “da ontologia em detrimento da epistemologia” (: 254), em que Meyer faz uma defesa à produção de conhecimento a partir de conceitos analíticos e se opõe às propostas “vitalistas” de autores como Tim Ingold. Por fim, recorre às contribuições de Robert Marett para explicar a construção de seus próprios conceitos, como o de formas sensoriais. A atualidade da obra do autor se coloca em seu olhar para as sensações e emoções despertadas pelo fenômeno religioso e, sobretudo, na rentabilidade de sua noção de encanto que, inserido na ordem sociopolítica, foi interpretado por Meyer como uma “técnica de organização”, “vinculação e governo” (: 265). Assim, a inspiração e ampliação das ideias de Marett são fundamentais para pensar sobre a fabricação de encantamentos

através não da dependência a uma instância divina, mas a partir de métodos religiosos padronizados.

A coletânea é encerrada com uma entrevista em que Birgit Meyer traça uma breve genealogia de sua trajetória de encontro com seu campo de pesquisa em Gana, localizando momentos políticos e fases teóricas nos capítulos traduzidos no livro. Sua contextualização sobre a atenção dada ao uso habilidoso de novas mídias pelo pentecostalismo a partir da “estética de persuasão” nos inspira a propor abordagens de um cenário sociopolítico brasileiro profundamente ancorado na popularidade de dispositivos midiáticos, como o *WhatsApp*. Nesse sentido, suas inflexões nos permitem compreender estes estilos narrativos a partir da capacidade articuladora das mídias em produzir extensões da presença religiosa no domínio público, implicando em vínculos transformadores tanto para as mídias como para as experiências religiosas na modernidade.

O trabalho de Meyer nos ensina, finalmente, sobre a arte de bifurcar os caminhos da pesquisa para buscar diálogos com outros campos que sejam capazes de agregar novos modos de ver e lidar com as coisas religiosas ao longo do processo etnográfico. Seu esforço estabelece que o comprometimento com sujeitos e suas especificidades em habitar *zonas de fronteira* contempla críticas desafiadoras e aberturas empíricas imprevisíveis. Ao dissolver a separação entre forma e conteúdo para deslocar o lugar de análise da mensagem e do significado para a experiência sensorial com a matéria, a autora nos mostra intertextos de seu passo a passo construído nas relações de pesquisa. Sua antropologia lida com um desconhecido em que as teorias também se tornam coisas, misturando-se e borrando limites entre campos disciplinares e sensoriais, exercitando o que seus interlocutores fazem quando relacionam terreno e transcendente.

Recebido em 21 de outubro de 2020.

Aceito em 07 de janeiro de 2021.